

KEREN BLANKFELD

ELES SE AMARAM EM AUSCHWITZ

Uma história real



KEREN BLANKFELD

**ELES SE
AMARAM EM
AUSCHWITZ**

Uma história real

Tradução:
Wélida Muniz

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Keren Blankfeld, 2024

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026

Copyright da tradução © Wélida Muniz, 2025

Todos os direitos reservados.

Título original: *Lovers in Auschwitz*

Preparação: Caroline Silva

Revisão: Thais Rimkus, Thiago Bio e Ligia Alves

Projeto gráfico e diagramação: Futura

Capa: Rafael Brum

Imagem de capa: gbrundin, via Getty Images; Celina Ask, via Getty Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Blankfeld, Keren

Eles se amaram em Auschwitz / Keren Blankfeld ; tradução de Wélida Muniz. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
400 p.

ISBN 978-85-422-3965-2

Título original: *Lovers in Auschwitz*

1. Auschwitz (Campo de concentração) - Biografias 2. Judeus - Biografias 3. Guerra Mundial, 1939-1945 4. Tichauer, Helen, 1918-2018 5. Wisnia, David S., 1926-2021 I. Título II. Muniz, Wélida

25-4986

CDD 940.5318092

Índice para catálogo sistemático:

1. Auschwitz (Campo de concentração) - Biografias

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

Nota da autora	11
----------------	----

PARTE I • **PRELÚDIO**

CAPÍTULO 1 • “Coisa pouca”	17
CAPÍTULO 2 • O fim de uma era	29
CAPÍTULO 3 • “Ele estava blefando”	38
CAPÍTULO 4 • “Vai ser impossível derrotá-los”	43
CAPÍTULO 5 • O Código Judaico	52
CAPÍTULO 6 • “Vá”	61

PARTE II • **ÁRIA**

CAPÍTULO 7 • Algo corriqueiro	73
CAPÍTULO 8 • Deus é conosco	102
CAPÍTULO 9 • O livro-razão	115

PARTE III • **DUETO**

CAPÍTULO 10 • A força	135
CAPÍTULO 11 • Um acordo	142
CAPÍTULO 12 • “Você é minha cunhada!”	156
CAPÍTULO 13 • Meninas da orquestra	161
CAPÍTULO 14 • “Noite ao luar”	174
CAPÍTULO 15 • “Nós vamos tocar”	178
CAPÍTULO 16 • “Vida longa à Polônia”	187

CAPÍTULO 17 • “Agente firme”	197
CAPÍTULO 18 • “Sempre em frente”	205

PARTE IV • **INTERLÚDIO**

CAPÍTULO 19 • “Vocês estão livres!”	213
CAPÍTULO 20 • Estrela branca	220
CAPÍTULO 21 • “Estamos livres?”	231
CAPÍTULO 22 • Pequeno Davey	236
CAPÍTULO 23 • “Como é possível você ainda estar viva?”	243
CAPÍTULO 24 • Um exemplo para o resto do mundo	253

PARTE V • **CADÊNCIA**

CAPÍTULO 25 • “Solidão da sobrevivência”	263
CAPÍTULO 26 • “Aquele é um americano”	274
CAPÍTULO 27 • “Caiu como uma luva”	282
CAPÍTULO 28 • “Pergunte o que quiser”	288
CAPÍTULO 29 • A vida é engraçada	298

Epílogo	303
Agradecimentos	313
Perguntas e tópicos para discussão	319
Considerações sobre as fontes	321
Notas	327
Lista de imagens	389
Índice remissivo	393

CAPÍTULO 1

“Coisa pouca”

No auge da revolução, Rosa Spitzer estava para dar à luz.

Era início de outubro de 1918, e as ruas tipicamente tranquilas em frente ao apartamento em que morava em Pressburg estavam em polvorosa: legiões de soldados eslovacos voltavam da guerra. Ventos cortantes agitavam os carvalhos e os vidoeiros-brancos da cidade, o ar gélido do outono prenunciava um inverno rigoroso.

Rosa, com seus cabelos castanho-escuros, não tinha escolha senão permanecer dentro de casa – e não somente por causa do tempo. Com o fim da Grande Guerra, o Império Austro-Húngaro se desfazia, e alguns soldados eslovacos, que havia tempos se ressentiam da vida sob o jugo dos húngaros, retornaram em massa para Pressburg com uma ira reprimida por gerações. Nas ruas de paralelepípedo do centro da cidade, eles saqueavam lojas e restaurantes. Manifestantes acusavam o Império Austro-Húngaro de tirania e opressão e invadiram prisões militares, libertando detentos – a maioria condenada por crimes comuns – para se juntarem à luta pela cidade.

O aniversário de 21 anos de Rosa chegou e passou, o parto era iminente. Do lado de fora da janela, as tensões se intensificavam. Os nacionalistas eslovacos não eram os únicos interessados em um Estado independente. Os alemães étnicos – que havia muito tempo eram minoria na região – já sonhavam com o “renascimento nacional”.

Por toda a Europa, antissemitas culpavam os judeus – bodes expiatórios de longa data em casos de prejuízos e sofrimento – por seus infortúnios. Alguns veteranos eslovacos entoavam “Abaixo os judeus!” e os acusavam de serem agentes incitadores, espões e agitadores dos

magiares – os húngaros étnicos. Ateavam fogo em lojas e negócios de judeus por toda a cidade. Simultaneamente, muitos magiares culpavam os judeus pela derrota militar e outros ainda os acusavam de lucrar em cima da guerra. Rosa, o marido, Vojtech, e a criança ainda não nascida estavam entre aqueles cuja morte era clamada nas ruas.

Em 10 de novembro, Rosa enfim deu à luz sua filha, Helen Zipora. A família viria a chamá-la de Hilanka, mas, com o tempo, a menina optou pela forma abreviada de Zipora, que em hebraico significa “pássaro”. Zippi, cuja pronúncia é “tsippi”, evocava movimento; um nome mais do que adequado a um mundo cujos contornos começavam a ficar difusos.

Quando Zippi tinha 3 meses, as tropas tchecoslovacas, forças voluntárias que haviam lutado na Grande Guerra e que estavam determinadas a formar um Estado unido, chegaram a Pressburg armadas com metralhadoras e baionetas. A mira delas foi uma multidão composta por sociais-democratas alemães e magiares que se opunham à formação da nova nação. Sete manifestantes foram mortos.

E então veio o indulto.

No primeiro aniversário de Zippi, Pressburg já não existia mais. A cidade passara a se chamar Bratislava, parte de um novo Estado independente conhecido como Tchecoslováquia. Os alemães e os magiares seguiram sendo minoria na cidade, e cada aspiração nacionalista agora era como uma pequena faísca. O Partido Popular Eslovaco, ansiando pela autonomia eslovaca, manteve sua influência. Por ora, os judeus de Bratislava viviam em paz.

Entre os desdobramentos mais significativos da nova constituição estava o fato de que o tcheco se tornou a língua oficial da nação, que antes falava eslovaco e alemão. Em casa, Zippi continuou falando alemão, sua língua materna, mas também era fluente em húngaro e eslovaco e estudava francês e hebraico na escola.

Para Zippi, a infância foi idílica. Nos dias abafados do verão, ela se refestelava no sol às margens do Danúbio; aprendeu a nadar nas águas de uma piscina fluvial de trinta metros de comprimento, próxima a uma praia de seixos. Nos meses mais frios, fazia caminhadas pelas

trilhas das montanhas Baixos Tatras e desfrutava de passeios de barco aos pés do castelo de Bratislava.

Sua família de classe média era pequena se comparada às dos vizinhos, que, em boa parte, tinham cinco ou seis filhos. Além dos pais, Zippi tinha apenas um irmão, Sam. Quatro anos mais novo, era um bebê enérgico, tendo puxado o bico de viúva e os olhos grandes e curiosos do pai.

A família poderia ter aumentado, mas, quando Zippi tinha 6 anos e Sam tinha 2, Rosa adoeceu. Os Spitzer foram passar férias em uma cidade turística duas horas ao norte de Bratislava, onde se acreditava que os mananciais curavam doenças reumáticas – categoria ampla em que, àquela altura, a doença de Rosa parecia se encaixar. De traje de banho, com o cabelo escuro preso em dois coques apertados nas laterais da cabeça, Zippi sentou-se na areia e semicerrou os olhos para a câmera. A menina era pequena e delicada; seu sorriso vacilante quase formava uma careta, como se ela estivesse pressentindo as tragédias por vir.

Quando a tuberculose chega, os primeiros sintomas podem ser sutis. As vítimas talvez padeçam de calafrios e exaustão. Às vezes, de dores no corpo. Mas só quando começam a tossir sangue é que a doença se torna evidente. Com frequência, ficam confinadas à cama, incapazes de cumprir a mais simples das tarefas, afligidas pelo esforço de dar uns poucos passos num cômodo pequeno.

Os Spitzer tinham poucas opções. Antibióticos ainda não existiam. Sanatórios, no entanto, espalhavam-se pelas áreas remotas do Leste Europeu, destinos badalados para internar doentes e aliviar o mal-estar deles.

Assim, aos 28 anos, Rosa foi parar em um sanatório especializado escondido em um bolsão da pitoresca cordilheira Altos Tatras. Lá ela desfrutaria de ar fresco e de uma dieta balanceada. E, o mais importante, esse ambiente impediria a doença de se espalhar ainda mais, antes que definhasse a mulher.

A doença de Rosa desestabilizou a família. Vojtech estava desolado demais para cuidar de si mesmo, que dirá dos dois filhos. Sam era novo demais para entender as repercussões da partida da mãe. Ainda

assim, era impossível que o menino não sentisse que algo crucial havia sido tirado dele; que sua vida mudaria para sempre. Zippi, agora uma precoce criança de 6 anos, estava sozinha no que deve ter sido um momento desnorteante e assustador. Não só a mãe havia partido, mas o pai estava tendo dificuldade para seguir em frente.

No entanto, por ser a Tchecoslováquia dos anos 1920, era comum que parentes morassem por perto e ajudassem a juntar os cacos de um desastre. Foi quando a família de Zippi se separou: ela foi morar com os avós maternos, no mesmo corredor do apartamento do pai. O irmão, com 3 anos, foi morar com os avós paternos em outro prédio. E, assim, a pequena família de Zippi e Sam se desfez feito cinzas jogadas em um rio.

Em 1927, depois de mais de um ano longe de casa, Rosa sucumbiu à tuberculose. Julia Nichtburger, avó de Zippi, tentou preencher o vazio da melhor forma que pôde. Pequena e singela, com lábios finos e bochechas encovadas, era uma mulher que trabalhava duro. Ainda de luto pela morte da filha mais velha, decidiu que se dedicaria a cuidar da neta. Lipot Nichtburger, marido de Julia e avô de Zippi, um vendedor local de antiguidades austero, dado a poucos sorrisos, deixou a criação dos filhos a cargo da esposa. O casal estava acostumado a ter trabalho com crianças e a casa cheia, mas, à época da morte de Rosa, sete de seus filhos haviam partido para formar a própria família, deixando para trás um ninho praticamente vazio.

Restou um filho, o caçula, Leo. Quase dez anos mais velho que Zippi, o tio desempenharia o papel do encantador irmão substituto. Aos 18, Leo tinha um amplo círculo de amizades e passatempos. E também planos para o futuro, algo que o mantinha ocupado e que por fim o levou para longe de Bratislava e de sua jovem sobrinha órfã de mãe, que, aos 8 anos, estava se acostumando à solidão.

Aos 35, o pai de Zippi, Vojtech, ficou viúvo – e assim não poderia continuar. Um ano depois da morte de Rosa, Julia Nichtburger teve uma conversa com o genro enlutado. Era hora de seguir com a vida, disse ela, encontrar uma boa mulher e se casar novamente. Ele não seria sempre jovem e decerto não faria favor nenhum a si mesmo nem

aos filhos ao ficar sozinho. Julia já tinha vivido o bastante para saber a importância de ser uma pessoa prática.

Vojtech levou a sério as palavras da sogra. Alfaiate de luxo com orelhas salientes, ele usava o cabelo penteado para trás e o bigode escuro muito bem aparado. Dois anos depois da morte de Rosa, voltou a se casar. Em 1929, o casal teve um filho; quatro anos depois, outro.

A família se reorganizou outra vez. Sam, agora com quase 7 anos, juntou-se à nova família do pai. Os adultos concordaram que Zippi, com 10 anos, continuaria com Julia e Lipot. Zippi, o pai e Sam estavam sob o mesmo teto novamente, mas em apartamentos separados. O relacionamento deles jamais seria o mesmo. Enquanto Sam se sentia deslocado dos dois meios-irmãos mais novos, Zippi enfrentava sozinha a dor do abandono.

O melhor remédio, os irmãos vieram a descobrir, era se manterem ocupados.

Toda semana, os Nichtburger se reuniam na sala de estar de Julia para desfrutar de concertos privados, praticando a *Hausmusik*, tradição alemã popular entre as famílias intelectuais da Europa ocidental. No caso deles, um quarteto de cordas tocava operetas; um tio, mandola; outro, bandolim; e um vizinho, violão. As composições que apresentavam variavam da obra do austro-húngaro Franz Lehár à do maestro húngaro Emmerich Kálmán.

Zippi queria fazer parte. Ela tocava piano, mas era o bandolim que a encantava. Tio Leo sugeriu que ela comesse a aprender. Foi amor ao primeiro dedilhar. O bandolim era compacto e ideal para a pequena musicista tocar, era fácil de carregar e produzia um som doce e elegante com uma potência surpreendente. Tio Leo apresentou Zippi a seu professor italiano, e ela, sempre perfeccionista, dedicou-se à atividade. Em poucos meses, o professor convidou Zippi a se juntar à sua orquestra de bandolim, sendo ela a única criança entre os adultos. A popular abertura de *Orfeu no inferno*, de Jacques Offenbach, uma composição de arranjos sofisticados e solos sutis que culmina em um câncã galopante e animado, era a sua preferida. A banda era destaque na estação de rádio local e se apresentava na cidade e nos municípios vizinhos.

No inverno, a temperatura despencava para -1 °C, e um enxame branco descia do céu escuro, cobrindo a cidade de neve. Enquanto a

comunidade judaica desfilava mascarada pelas ruas para celebrar o Purim, tio Leo e Zippi saíam em missão com seus bandolins. Eles batiam à porta de amigos e tocavam canções judaicas – música que a orquestra de bandolim jamais tocaria. Levavam consigo uma caixa azul, algo familiar entre os judeus sionistas, e coletavam doações para a compra de terras na Palestina. Quando voltavam para casa, a caixa estava cheia.

Isso não queria dizer que Zippi ou a família fossem judeus particularmente devotos. Foram criados na rua Zámocká, perto da praça principal de Bratislava, e não muito longe do rio Danúbio. Quisessem eles adorar, a sinagoga da rua Zámocká, um templo mouro do século XIX, ficava a poucos passos de distância. Mas, se pudessem escolher, nem Sam nem Zippi iam aos cultos. Ela aparecia uma vez por ano para fazer o Kadish, a prece em memória dos mortos, pela mãe; o irmão preferia passar os fins de semana jogando futebol.

Embora a família não fosse praticante, era sionista. Tio Leo era um membro dedicado da Hashomer Hatzair, a “Jovem Guarda”, uma organização sionista com cerca de 70 mil associados espalhados entre Europa, Américas do Norte e do Sul e Palestina. O grupo havia surgido na Polônia após o fim da Grande Guerra, quando muitos jovens judeus seculares se deparavam com barreiras profissionais, educacionais e sociais ao tentar se adaptar à vida no país. O movimento ganhou destaque depois de uma onda de mais de mil pogroms – massacres violentos tendo como alvo grupos raciais ou religiosos específicos – durante a Guerra Polaco-Ucraniana de 1918 e 1919, que matou mais de 100 mil judeus e resultou em outros 600 mil judeus refugiados.

Tio Leo apresentou Zippi e Sam ao grupo, cuja missão havia evoluído para preparar seus membros para irem à Palestina. No entanto, nenhum dos irmãos se importava com os sermões dogmáticos nem aspirava a se tornar líder sionista. Eles estavam lá pelos passeios ao ar livre, pela diversão: os membros faziam caminhadas, praticavam esportes e conviviam em meio à natureza.

Para Zippi, a vida era boa. Embora tivesse saudade da mãe e frequentemente se sentisse uma criança entre os adultos, ela não via conflitos, não enfrentava hostilidade nem conhecia restrições. Por ora, estava livre e segura.

Já adolescente, Zippi sonhava em ser botânica. Amava a natureza e tinha uma mente analítica. Julia incutiu na neta que ela poderia ser o que quisesse. A constituição da nova Tchecoslováquia dava às mulheres mais igualdade política, social e cultural. E, o mais importante, isso incluía acesso à educação. Julia torcia para que Zippi se beneficiasse de liberdades que as gerações anteriores jamais tiveram.

O melhor lugar para estudar botânica era a Morávia, onde cerca de 3 milhões de alemães dos Sudetos, alemães étnicos que viviam na região da fronteira norte da Tchecoslováquia, compunham a maioria da população. Fazia tempo que eles sonhavam com um Estado nacionalista e, quando Hitler se tornou chanceler em 1933, logo que Zippi completou 14 anos, os alemães dos Sudetos se lançaram com avidez ao nacional-socialismo e às tropas antissemitas que o partido evangelizava. A plataforma radical de extrema direita do Partido Nazista de Hitler proibia que judeus tirassem cidadania alemã e que se envolvessem com a imprensa; as lojas judaicas na Alemanha deveriam ser boicotadas em todo o território nacional, e os judeus foram expulsos das universidades alemãs.

Estudar botânica na Morávia não era uma possibilidade para Zippi, e no fim das contas toda a conversa sobre as novas liberdades não condizia com a realidade. Assim, Julia preparou a neta para o casamento. Zippi dominou a arte de pregar botões, cozinhar e limpar. Mas, por nunca ter sido do tipo que se contentava com o básico, ela também aprendeu sozinha a desenhar, pintar e fazer bordados detalhados.

Certo dia, Zippi recebeu seu chamado. Passava pela fachada de um ateliê quando viu uma mulher fazendo cartazes de propaganda. Intrigada, parou, entrou e perguntou pelo proprietário. Queria saber mais sobre o que a mulher estava fazendo. O ateliê, lhe informaram, produzia anúncios para cinemas, bancos, exposições e feiras comerciais. Os funcionários fabricavam letras de vidro e criavam placas. Ora, aquilo era muito empolgante. Zippi era habilidosa com as mãos e gostava de arte. Ela havia encontrado uma carreira.

Sem perder tempo, a jovem informou ao proprietário que se tornaria sua aprendiz. Ela se dedicaria: estudaria as ferramentas, a combinação de cores, a padronagem e os desenhos intrincados e tiraria

nota máxima nas avaliações necessárias. O homem não tinha nada a perder. Mas se recusou. Design gráfico não era coisa de mulher, disse ele. A moça na vitrine era sua esposa; ele não tinha funcionárias.

Zippi pouco se interessava pela demografia dos funcionários; queria aprender design gráfico. Então insistiu.

Vencido pelo cansaço, o proprietário disse que a aceitaria como aprendiz se ela passasse nos testes.

E, assim, aos 14 anos, Zippi largou a orquestra de bandolim. Ela se concentrou nos estudos e assumiu uma variedade de trabalhos como aprendiz de um alfaiate feminino e no ateliê de moda da cidade, onde pintava anúncios e cartazes. Sendo mulher e judia, via-se em dupla desvantagem, mas Zippi reconhecia o próprio valor. Exigia – e aparentemente conseguia – salários iguais aos dos colegas homens. Com o pagamento, ela se mimava com uma coleção de sapatos e casacos sob medida. Compreendia o poder de uma boa apresentação e se vestia bem. E estava determinada a ser bem-sucedida em sua carreira recém-descoberta.

Bratislava, uma das maiores cidades da Tchecoslováquia, transbordava de oportunidades. Famílias dos vilarejos agrícolas mais próximos enviavam os filhos para lá para seguir carreiras variadas, como barbeiro, professor de jardim de infância e médico. Nas noites de sexta-feira, Zippi ansiava pelo tempo com os jovens de fora da cidade que compareciam ao jantar da família. Ansiava pelas discussões envolventes, particularmente com os alunos de medicina que estudavam no exterior. Embora a maioria dos judeus de Bratislava ganhasse a vida na área do comércio e das finanças, Zippi se sentia atraída pelos artistas e intelectuais.

A própria Zippi, depois de passar três anos em um internato para meninas, continuou estudando em uma classe avançada de uma instituição educacional mista e se tornou a única estudante mulher da faculdade de artes gráficas de Bratislava. Aprendeu a fazer caligrafias complexas para as placas e a criar arte com vidro. Estudava as nuances de como usar o design para transmitir mensagens. Comprometeu-se a aprender seu ofício e se formou como a melhor da turma.

Entre os estudos, o trabalho e o cronograma cada vez mais ocupado da Hashomer Hatzair, Zippi tinha pouco tempo livre. Ela não se importava com as palestras sobre os revolucionários Lênin e Marx e, embora gostasse das aulas que falavam dos aspectos práticos de ser um escoteiro, desde como viver em comunidade até como cultivar a terra em um ambiente desértico e semiárido, a agenda socialista cada vez mais fervorosa do grupo não lhe descia bem. Basicamente, o objetivo deles era enviar membros para a Palestina, para trabalhar em um kibutz e cultivar a terra. E, claro, em 1933, tio Leo partiu para a Palestina para trabalhar em uma plantação de laranja. Nem Zippi nem Sam tinham qualquer intenção de se juntar a ele. O lar dos dois, pensavam, era a Tchecoslováquia.

O horário da Hashomer Hatzair exigia presença nas palestras à noite durante a semana e aos domingos, mas Sam sonhava em um dia jogar futebol na liga da cidade, e seus treinos aos domingos eram inegociáveis. Além do mais, estava estudando design de interiores e era aprendiz na loja de tapetes do tio. Ele se orgulhava do próprio trabalho. Com o tio, equipou algumas das instituições arquitetônicas mais renomadas da cidade, incluindo o Salão dos Espelhos, o cômodo mais famoso do Palácio dos Primados. Abriu mão da membresia na Hashomer Hatzair sem nem pensar duas vezes.

Zippi seguiu lá, mas com uma condição: se pedissem que ela desistisse dos estudos e partisse para a Palestina, sairia também. Não via razão para ir embora de Bratislava. Nem é preciso dizer que ela não tinha a intenção de arruinar as mãos trabalhando com agricultura. Elas eram o seu ganha-pão. E Zippi amava o seu ganha-pão.

Não muito tempo depois, ela começou a se perguntar se havia tomado a decisão certa.

Além do seu mundinho, as coisas não iam bem. Em Bratislava, relatos da ascensão nazista ao poder tornaram-se uma parte agourenta dos programas de rádio. Em Breslau, na época uma cidade alemã, advogados judeus não tinham permissão para entrar nos fóruns. Pouco depois, juízes judeus foram dispensados. Nesse meio-tempo, um boicote incitado pelos nazistas a produtos e negócios de judeus se espalhou

por toda a Alemanha. Cartazes vermelhos apareceram do lado de fora das lojas alemãs: EMPRESA RECONHECIDAMENTE GERMANO-CRISTÃ. Outros letreiros anunciavam: QUEM COMPRA DOS JUDEUS APOIA O BOICOTE ESTRANGEIRO E DESTRÓI A ECONOMIA NACIONAL.

Não satisfeitos com o terror econômico, alguns nazistas alemães recorriam à violência. Um respeitado rabino de Munique foi arrastado de sua cama à noite e provocado por civis armados com fuzis. Mesmo os turistas judeus norte-americanos em Berlim se tornaram alvos: um homem foi obrigado a ingerir óleo de rícino até desmaiar.

A maior parte dos judeus de Bratislava não acreditava que a Alemanha, uma nação civilizada, fosse capaz de tanta mordacidade e violência. Mas os sinais de alerta eram cada vez mais evidentes. As Leis Raciais de Nuremberg, aprovadas em 1935, indicavam que os judeus pertenciam a uma raça díspar e que deveriam ser legalmente oprimidos. Após essa declaração, Bratislava se tornou porta de entrada para refugiados judeus poloneses e alemães que saíam de uma Europa cada vez mais hostil. Os avós de Zippi recebiam refugiados para jantar e ouviam, pasmos, as histórias de terror deles. Muitos se juntaram à Hashomer Hatzair, que os ajudou a atravessar as fronteiras na esperança de chegar à relativa segurança da Hungria, com o objetivo de ir para a Palestina. No geral, eles eram bem recebidos nos países vizinhos da Alemanha, mas, conforme os números cresciam, a hospitalidade diminuía. Muitos fretaram navios a vapor para a Palestina, onde aspiravam a criar um lugar seguro, um Estado judeu. A habilidade de Zippi nas artes gráficas a tornaria a candidata ideal para falsificar documentos para os refugiados, mas, se de fato ela contribuiu dessa forma para a fuga deles, não deixou registros.

As revoltas violentas se aproximavam de casa; tensões étnicas que fervilhavam desde a criação da Tchecoslováquia agora estavam em ebulição. Assim que Hitler assumiu o poder, o Partido Popular Eslovaco, um movimento político nacionalista, ganhou ímpeto. Liderado pelo padre católico Andrej Hlinka, havia resistido à nova nação tchecoslovaca desde o princípio. Rejeitava a ideia de que a história e a língua eslovaca fossem eclipsadas pela cultura tcheca. Sua população, composta principalmente por católicos, se ressentia da imigração dos intelectuais húngaros e tchecos, a maioria deles

judeus. Consideravam a multietnicidade da Tchecoslováquia uma ameaça; suas inclinações antirreligiosas e socialistas, uma aberração. Ansiavam por um território eslovaco autônomo com suas próprias tradições, seus próprios valores.

Com a ascensão de Hitler, o Partido Popular Eslovaco passou de uma maioria silenciosa a uma massa agressiva. A retórica e a violência antissemitas que estiveram confinadas nos pequenos vilarejos do leste agora despertavam em Bratislava. Em 1936, estudantes começaram violentas manifestações antissemitas durante a exibição do filme folclórico judeu *Le Golem*. Manifestantes armados com fogos de artifício e bombas de fedor quebraram vidraças da casa de judeus e paralisaram Bratislava por dias em uma demonstração assustadora do que estava por vir.

Com essa nova realidade no horizonte, Sam gravitou em direção à política de esquerda e se envolveu com o trabalho da resistência, o que, de início, ele chamou de “coisa pouca”. Distribuía folhetos com informações das atividades subversivas ao redor da cidade. Conhecido por sua veia aventureira e por ter sido uma criança arteira com as melhores intenções, ajudou amigos da Hashomer Hatzair e colegas do sindicato no depósito de tapetes do tio. Nunca fazia perguntas, ciente de que quanto menos soubesse, melhor seria – e menos provável de ser torturado para revelar segredos, caso fosse capturado.

Foi por volta dessa época que Zippi começou a namorar Tibor Justh, um judeu de Nitra, cidade com uma comunidade judaica estabelecida a cerca de cem quilômetros de Bratislava. Tibor era três anos mais velho e, ao contrário de Zippi, estava envolvido na política da região. Ela o apresentou ao irmão. Os dois jovens, ambos idealistas fervorosos, encontraram algo em comum.

Certa noite, Tibor perguntou a Sam se poderia dar uma olhada no depósito de tapetes em que ele trabalhava. Era um espaço enorme de acesso fácil, e Tibor perguntou se alguns homens poderiam passar a noite lá dentro, no armazém do subsolo, de vez em quando. Sam nem pestanejou.

Daquele dia em diante, todas as noites, por volta das dez, um grupo de jovens chegava sorrateiramente das ruas escuras e entrava no depósito. Iam embora de madrugada.

Enquanto isso, Zippi mantinha a discrição e trabalhava. Uma foto de 1938 a registra sorrindo para a câmera, usando saia e salto alto, de pé em uma escada na calçada. As mangas estão arregaçadas enquanto ela pinta um letreiro na vitrine do Luxor Palace em Bratislava.



Zippi pintando um letreiro na fachada do Luxor Palace em Bratislava, em 1938.

A cada dia ela praticava suas habilidades, aprimorando suas técnicas. Acumulou conhecimento de seu ofício e o registrou em um caderno. Esperava que sua perícia a conduzisse a uma carreira recompensadora, uma vida profissional em que romperia barreiras como mulher e como judia. De certo modo, ela tinha razão.